

Como vai a educação

ARNALDO NISKIER

Numa fase de mudanças, ou da absoluta necessidade delas, fala-se muito, escreve-se também, armando-se um clima de discussão que é rigorosamente salutar, pois essencial na democracia. Nem tudo o que aparece depois se transforma em medida concreta, mas fica o registro.

Uma reunião de educadores, por nós promovida, serviu de painel para a identificação do que sensibiliza o magistério brasileiro. O professor Carlos Lucena, por exemplo, tem por objetivo estender o conceito de Informática aos professores e estudantes da Universidade, "pois no futuro ninguém poderá sobreviver sem a utilização do computador".

Dom Lourenço de Almeida Prado, que dirige o Colégio São Bento, concorda que a informatização do ensino não se restrinja ao ensino superior, devendo ser considerada também na educação básica: "Mas não devemos apenas preparar técnicos. O objetivo deve ser o preparo da criatura humana para enfrentar sua liberdade, sem ser dominado pela Informática, mas ao contrário, dominando-a".

Veio à tona a lembrança do antigo brilho das escolas normais. A professora Juracy Silveira, da Associação Brasileira de Educação, revelou a sua decepção: "lamento profundamente o rebaixamento sofrido pelas escolas normais. Há tempo para impulsioná-las, promover a sua renovação, prestigiando a formação dos professores de 1º grau".

Quando se assinala uma reação extremamente favorável à leitura em nosso País (alcançamos a cifra de 300 milhões de livros produzidos em 1986), é importante o depoimento da professora Maria Aparecida Magnani, da Fundação do Livro Escolar de São Paulo: "A escola não tem proporcionado aos seus alunos a oportunidade desejável do exercício da leitura. Queremos recuperar as escolas também como espaço de apropriação do conhecimento, espaço de leitura, reflexão e diálogo".

Maria Helena Novaes Mira, uma das maiores especialistas brasileiras em educação especial, lembrou o tema da sua palestra: "Estamos entusiasmados com a educação dos bem dotados, talentosos, superdotados. Eles devem se integrar na própria escola comum, a fim de não serem segregados. No Brasil, de 1 a 3% da população estudantil pode se constituir de alunos superdotados. O que se tem feito por eles?"

Heloisa Marinho lembrou aos constituintes a necessidade de integrar o pré-escolar à Carta Magna, obedecendo aos princípios dos "Direitos da Criança". E Felipe Tiago Gomes, criador da benemérita Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, lembra o empenho da CNEC em fixar o jovem no campo. Como se vê, um painel muito rico e diversificado, embora de opiniões divergentes. Poderemos alcançar o consenso?

CORREIO BRAZILIENSE